

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO NARCISO, OU O AMANTE DE SI MESMO

Jean-Jacques Rousseau

Tradução, Apresentação e Notas de Kamila C. Babiuki e Rafael de Araújo e Viana Leite¹

Apresentação

Um jovem excessivamente vaidoso às vias da afetação, uma chacota que se pretende terapêutica, um resultado inesperado. Eis os principais ingredientes da comédia intitulada *Narciso, ou o amante de si mesmo*, composta por Jean-Jacques Rousseau, texto cuja tradução oferecemos pela primeira vez em língua portuguesa. Essa peça foi escrita durante a juventude do filósofo genebrino, tendo sido posteriormente retocada com a ajuda do famoso dramaturgo Pierre de Marivaux. Trata-se, interessa ainda notar, da única peça de teatro de Rousseau a ser representada pela *Comédie française*, em dezembro de 1752, por apenas duas vezes, a pedido do autor ele mesmo.

A peça é relativamente curta, contando com apenas um ato, dezoito cenas e sete personagens. A história se passa no dia do casamento de Valério, personagem principal, e o enredo se desenrola a partir de uma brincadeira que sua irmã, Lucinda, tenta lhe fazer, com a intenção de curá-lo de sua vaidade com um tratamento de choque. Sua brincadeira envolve um retrato de Valério (deixado furtivamente em sua penteadeira) em que ele aparece caracterizado como uma mulher, decorado com maquiagem, roupa e penduricalhos. Qual não é a surpresa do leitor quando Valério, menos do que rever seus modos, não se reconhece na imagem, apaixona-se pela figura do retrato e, no dia do seu casamento, sai à procura de si mesmo para tomar sua mão em casamento.

Podemos nos valer de um conceito que na época da composição inicial da peça ainda não tinha sido utilizado por Rousseau e dizer que em Valério o amor-próprio é a paixão mais evidente. No *Emílio, ou da educação*, publicado em 1762, Rousseau define o amor-próprio, paixão factícia cuja origem se dá em meio social, como um sentimento que leva as pessoas a preferirem-se aos outros. O amor-próprio, assim, exige que sejamos valorizados por aqueles com quem convivemos mais do que eles mesmos se valorizam, o que, dado a vaidade de cada um, não seria possível. A oposição entre amor de si, paixão natural que concorre para a conservação dos indivíduos, e o amor-próprio, essencialmente vaidoso e egoísta, é central para a antropologia de Rousseau e encontra-se em estado germinal na comédia. Ainda que *Narciso, ou o amante de si mesmo* tenha sido escrita em sua

¹ Mestranda em Filosofia pela UFPR, e-mail k.babiuki@gmail.com. Doutorando em Filosofia pela UFPR, e-mail rafael_vianaleite@hotmail.com. Ambos os tradutores são membros da ABES XVIII e do Grupo de Estudos das Luzes - UFPR.

juventude, como já foi adiantado, podemos perceber nela lampejos da figuração de um conceito que será muito explorado pelo filósofo genebrino.

Talvez possamos dizer que Valério é a caracterização levada ao absurdo dos habitantes luxuosos de uma grande cidade luxuosa como era Paris, público para o qual a peça foi feita. Aquele que vive em uma grande cidade, cercado por luxo e facilidades, caracterizado pela vaidade e presunção sobre seu valor em comparação com os outros está sempre em uma relação de tensão com os outros. Isso acontece porque a sua felicidade passa necessariamente pelo que podemos chamar de aval ou consentimento dos outros indivíduos, o vaidoso é movido pelo desejo de ser admirado, de cativar o olhar alheio, ele é, enfim, como que um espetáculo permanente e móvel. Trata-se de uma existência, portanto, relativa ou ao menos derivativa, pois precisa ser legitimada por uma instância exterior, formada por outras pessoas que não o sujeito. Nesse caso, não basta tão simplesmente ser feliz, é preciso que os outros aceitem ou reconheçam essa felicidade. Esse quadro evidencia um problema político importante porque o interesse particular, em uma pessoa vaidosa, acaba levando a melhor em comparação com o bem comum. Incapaz de ser virtuoso, o esforço de alguém com esse perfil é essencialmente o de obter a admiração das outras pessoas, seja por seus méritos, seja pela afetação de qualidades que ele não possui realmente, isso por meio de signos como o luxo, privilégio social ou poder político, elementos que frequentemente acompanham uns aos outros.

Na *Carta a d'Alembert*, de 1758, Rousseau indica qual seria o método das comédias de Molière. Ele teria entendido quais eram os atributos desejáveis e aqueles indesejáveis no seio da sociedade de corte parisiense do século XVII. Com o objetivo de agradar seu público, objetivo último de uma arte como a teatral, Molière teria consultado o gosto geral dos parisienses e, em relação a esse gosto, construiu um modelo com atributos contrários que, em sua comédia, é alvo do ridículo. Rousseau, ao que parece, na peça *Narciso* usou outra estratégia. Ele caracterizou seu protagonista a partir de atributos considerados louváveis em meio à corte como asseio e refinamento, contudo Rousseau o constrói com traços exagerados em um contexto claramente crítico. Ora, é o ensimesmado Valério quem deve ser corrigido. Os parisienses da sociedade de corte, como mostrou o *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750, eram vaidosos, egoístas e por de trás de sua cordialidade superficial estariam sempre prontos a pensarem em si mesmos a despeito dos outros. Foi o retrato dessas pessoas, abastadas e frívolas, que Rousseau propôs levar ao absurdo com o personagem de tipo arquetípico como é o caso de Valério.

O personagem Valério, nosso protagonista, ainda tem, entretanto, capacidade de melhorar. A comédia não é aporética nem pessimista, ela oferece uma lição de moral, ou se quisermos, um *happy ending*. Se Valério tem muitos defeitos, ele não é mau e no fim da peça acaba sendo, de fato, curado dessa paixão responsável por um movimento de volta a si, de caráter, portanto, centrípeto, capaz de afastá-lo de uma atmosfera de solidariedade com os outros componentes da sociedade algo capaz de afastá-lo, de um ponto de vista político, do bem comum.

No que concerne a tradução, utilizamos como base a edição da Pléiade, Tomo II, 1964, pp. 975-1018. Buscamos sempre permanecer próximos do texto original, mas zelando pela precisão em língua portuguesa. Apesar de não ser um recurso atualmente comum em português, preferimos manter a distinção tipicamente francesa entre ‘vós’ e ‘tu’.
